

DO LOCAL AO GLOBAL: A REVOLUÇÃO VERDE E AS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS NO OESTE CATARINENSE (1960-1980)

KATIÚSCIA ISSA SILVESTRI¹, CLAITON MARCIO DA SILVA²

1 Introdução/Justificativa

A chamada “revolução verde” se caracteriza pela utilização de “pacotes tecnológicos” de suposta aplicação universal, que objetivaram aumentar a produção agrícola mundial, com a maximização dos rendimentos dos cultivos em distintas situações ecológicas. A revolução verde buscou elevar ao máximo a capacidade potencial dos cultivos, buscando gerar as condições ecológicas ideais para o afastamento de predadores naturais via utilização de agrotóxicos. O impacto deste processo, no entanto, não foi apenas sobre o aumento da produção de alimentos, mas na própria reorganização da produção agrícola e do mundo natural, com utilização de maiores áreas para a produção, adaptação de sementes e outros recursos naturais, poluição e mudança de grandes áreas da paisagem do planeta. Se os ideais da revolução verde eram, inicialmente, alimentar uma crescente população mundial após a Segunda Guerra, este processo tornou-se complexo e também gerou expropriação e escassez de alimentos para populações tradicionais em todo o planeta. A introdução de máquinas agrícolas, assistência técnica e crédito supervisionado aumentou consideravelmente a produção agrícola na região, servindo como base para a produção agroindustrial, uma das marcas da região. Por outro lado, o processo de modernização da agricultura aumentou as desigualdades iniciadas com o processo de expropriação de caboclos e indígenas quando da chegada das companhias colonizadoras ainda na década de 1920. Desta forma, se por um lado o aumento da produção agrícola incentivou um modelo de desenvolvimento regional, por outro lado fez uso de agrotóxicos e aumentou outros problemas ambientais ligados à produção de suínos e aves, concentrou uma grande população nos centros urbanos e vem sendo questionado sistematicamente. Neste contexto de formação histórica, envolvendo diferentes grupos sociais e interesses, muitos movimentos sociais foram originados, resultantes de um processo de disputa pela terra, envolvendo formas diferenciadas de ocupação e uso da mesma. No entanto, se as disputas são históricas, marcadamente existindo desde o avanço das frentes de ocupação nacionais no século XIX pelos Campos de Guarapuava e Palmas, pela ocupação da terra por empresas colonizadoras, e por outros processos, a

¹ Graduanda em História, UFFS, *campus* Chapecó, contato: silvestrikatiuscia@gmail.com

² Professor Associado, UFFS, *campus* Chapecó, contato: claiton@uffs.edu.br



denominada revolução verde também impactou fortemente na região, como parte do processo de liberação do “excedente” de mão de obra para o trabalho nos centros urbanos, principalmente na atividade agroindustrial, assim como também provocou uma mudança dramática na paisagem rural, com a implantação do modelo de monocultura com alto uso de agrotóxicos.

2 Objetivos

O objetivo central deste projeto é analisar as mudanças socioambientais ocasionadas pelo processo conhecido como revolução verde na Fronteira Sul do Brasil. Buscando uma abordagem que relaciona o global e o local, este projeto procura demonstrar como a modernização da agricultura modificou o panorama socioambiental da região e não se limitou apenas à inserção de insumos e agrotóxicos, mas a um extenso processo de estruturação de agências públicas e privadas, de formação de agricultores voltados à estas práticas e de consolidação de modelos de produção voltados à monocultura, como soja, milho e trigo por exemplo. Também, este processo integrou a produção familiar local junto à crescente agroindústria, diminuindo a produção autônoma de produtos agrícolas. Tal processo significa a inserção desta região em um modelo nacional e global de desenvolvimento principalmente após a década de 1960 e, mais recente, tornou-se objeto de questionamento por parte de movimentos sociais que buscam alternativas, como a Agroecologia, por exemplo. Por outro lado, as instituições criadas durante o processo de estruturação da revolução verde, bem como suas substitutas, não abandonaram, por total, seus ideais de aumento da produtividade baseado no uso de agrotóxicos, sementes transgênicas e outros insumos. Com isto, pretendemos pontuar a atualidade e a importância de estudar a revolução verde, buscando demonstrar as resistências a este processo, mas também a permanência de determinados princípios dentro e fora de instituições públicas e privadas de pesquisa agropecuária. Este projeto utiliza fontes primárias de pesquisa (jornais, revistas), bem como outros materiais de arquivo (entrevistas já realizadas e arquivadas) e material de disponível na rede mundial de computadores.

3 Material e Métodos/Metodologia

Escrevendo sobre a história ambiental do café nas Américas, Stuart McCook (2008) alerta aos demais historiadores tanto de *commodities* quanto das doenças para que evitem a supervalorização de determinada mercadoria ou doença nos processos de mudanças históricas. A preocupação dos produtores de café, continuando com McCook, também esteve relacionada a outros fatores, como geadas ou secas, por exemplo: “Cada um desses fatores oferece aos historiadores diferentes pontos de vista a partir dos quais a história ambiental do café pode ser estudada”. Desta forma, pensando na perspectiva de McCook, a análise deste projeto levou em



conta a relação entre as diversas *commodities* e a adaptação destas ao ambiente, bem como as inovações produzidas e as mudanças provocadas por esta intervenção. Expondo a questão de acordo com a historiadora norte-americana Deborah Fitzgerald (2003), no período que compreende o final da Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão, emergiu uma complexa rede de relações nos Estados Unidos, envolvendo os diversos atores e agências que estavam ligados à agricultura. Esta nova classe de pessoas e instituições, cujo principal propósito era modernizar todo o empreendimento agrícola, criou e manteve uma filosofia com princípios da ciência, tecnologia e o espírito do racionalismo que caracteriza a agricultura industrial. Estes sistemas aproximaram capital, matéria-prima, malha de transportes, sistemas de comunicação e mão de obra especializada. Interconectados e geralmente estendendo-se, estes sistemas de produção e consumo funcionaram como redes dentro dos quais se ajustaram os componentes mais identificáveis da industrialização: tratores, estradas pavimentadas, crédito bancário, trabalho migrante e mercado de *commodities*. Em outras palavras, este processo de industrialização da agricultura estendeu-se de parte a parte dos Estados Unidos onde, independentemente das escolhas individuais, os *farmers* estariam se deparando com os mesmos assuntos.

4 Resultados e Discussão

Observou-se, ao longo do projeto, a produção de diversos fatores de direto impacto no ambiente, como o crescimento do número de usinas hidrelétricas, estradas de rodagem, centros urbanos e indústrias em geral. Como fator de propulsão destas mudanças encontra-se a agricultura modernizada, introduzida na região após a década de 1950. Neste sentido, a revolução verde aumentou a demanda por recursos naturais, o que deverá ser analisado de forma específica em projetos futuros – produção de grãos, agricultura familiar, pecuária e agroindústria. Durante o desenvolvimento do subprojeto, alcançamos resultados em três níveis: formação de recursos humanos para pós-graduação (bolsista); levantamento de dados; e publicação. Desta forma, expandimos a pesquisa de fontes primárias relativas à revolução verde, formando um banco de dados para futuros projetos de pesquisa (TCC e/ou de Mestrado). Também, o principal resultado esperado deste projeto consistiu na escrita e submissão de um artigo científico, em fase de finalização e submissão.

5 Conclusão

Em termos de discussão, esse projeto iniciou um debate sobre o papel de regiões de fronteira, majoritariamente rurais ou de economia agroindustrial, criados a partir da revolução verde, na produção das mudanças globais. O alcance da influência de regiões como o Oeste Catarinense



ou a Fronteira Sul do Brasil na produção de mudanças socioambientais que vão além de suas fronteiras ainda é pouco conhecido; tampouco seus impactos. Por outro lado, observamos indícios que as interferências nas mudanças globais não são apenas produzidas nos grandes centros, como geralmente é abordado pela literatura. De qualquer forma, este projeto precisa ser aprofundado nos próximos anos.

Referências

ESPÍRITO SANTO, Evelise. **A Agricultura no Estado de Santa Catarina**. Chapecó: Grifos, 1999.

FITZGERALD, Deborah. **Every farm a factory**. The industrial ideal in American agriculture. New Haven: Yale University Press, 2003.

FORNECK, Elisandra. **Formar um novo sujeito**. Educação técnica e cooperativa na Cooperalfa (1977-1996). Florianópolis: UFSC, 2015. Dissertação de Mestrado em História.

MATOS, Alan. Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. In: **Cadernos da FUCAMP**, v.10, n.12, p.1-17/2010

McCOOK, Stuart. **States of Nature: Science, Agriculture, and Environment in the Spanish Caribbean, 1760-1940**. Austin: University of Texas Press, 2002.

_____. Crônica de uma praga anunciada. Epidemias agrícolas e história ambiental do café nas Américas. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, UFMG, vol. 24, nº 39: jan/jun 2008.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Pensamento e política ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SCOTT, James. **Seeing like a state**. New Haven: Yale University Press, 1999.

UMAÑA, Wilson Picado. **Conexiones de la Revolución Verde**. Estado y cambio tecnológico en la agricultura de Costa Rica durante el período 1940-1980. Tese de doutorado em História. Santiago de Compostela, Espanha, 2012.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4. n. 8, 1991.

Palavras-chave: Revolução Verde; Oeste Catarinense; História Ambiental.

Financiamento

FAPESC.